

Opinião

A Cor do Dinheiro



CAMILO LOURENÇO

Autoridades judiciárias sob pressão

A intervenção de Oliveira e Costa no Parlamento foi um bom exemplo de muita parra e pouca uva. À hora do fecho desta crónica, o antigo presidente do BPN discorria sobre o momento histórico que menos interesse tem para o apuramento da verdade: as condições em que decorreu o seu afastamento do banco (devido a desinteligências com os maiores accionistas) e a entrada de Miguel Cadilhe.

Para uma intervenção em redor da qual havia tanta expectativa, foi pouco. Porque fontes próximas de Oliveira e Costa haviam posto a circular profusas informações sobre a sua intenção de "pôr em sentido" alguns dos seus ex-colaboradores. Embora o juízo final sobre a sua intervenção tenha de ficar para outro dia, por não conhecermos as reacções dos deputados ao monólogo do ex-presidente do banco, vale a pena questionar o que terá acontecido. Foi um bluff das fontes que lhe são próximas, para condicionar quem o deixou cair? Terá havido algum entendimento com os directamente visados e, por isso, as revelações foram mais suaves do que se pensava (nomeadamente em relação a Dias Loureiro)?

Todos os cenários são possíveis. Mas uma coisa é certa: pese embora o monólogo de ontem, a comissão parlamentar de inquérito, com o que apurou neste processo, vai colocar pressão sobre as autoridades judiciárias e tribunais. Que ficam obrigados a fazer um trabalho pelo menos à altura do que foi feito no Parlamento. E isso não é pouco.

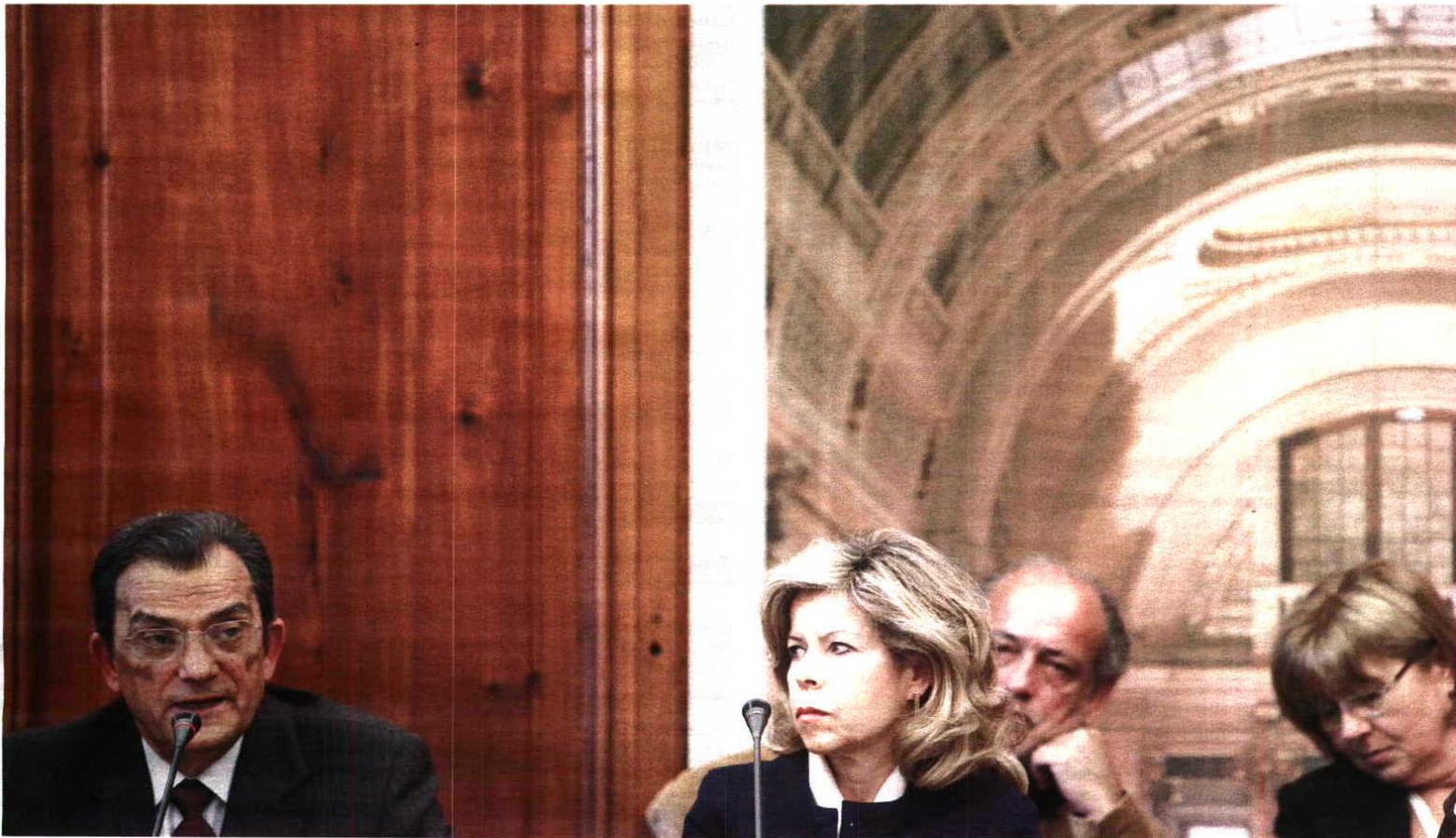
Primeira Linha

CASO BPN

Oliveira Costa acusa Dias Loureiro de querer ser presidente da SLN

O antigo presidente do BPN e da SLN lançou duras críticas ao conselheiro de Estado, mas Miguel Cadilhe e Joaquim Coimbra não foram poupados quando invocou a história recente do banco. Oliveira Costa começou a ler o seu depoimento às 16h33 e só terminou às 19h45, garantindo não ser responsável “por perdas, um cêntimo que seja”, do BPN

MARIA JOÃO GAGO mgago@negocios.pt



Uma longa maratona | Oliveira Costa chegou ao Parlamento às 16h33, e até às 20h30, hora de fecho desta edição, continuava a prestar declarações aos deputados.

Dias Loureiro queria ser presidente do BPN (Banco Português de Negócios) e nunca perguntou sobre as perdas resultantes do negócio de Porto Rico. Estas foram duas das muitas acusações que José de Oliveira Costa fez ontem ao antigo administrador da SLN (Sociedade Lusa de Negócios), durante a comissão parlamentar de inquérito.

O conselheiro de Estado foi o principal alvo da intervenção de Oliveira e Costa, que durou mais de duas horas. “A colaboração do Dr. Dias Loureiro na SLN acabou como começou. A criar problemas, negando sempre que estivesse envolvido

na sua génese”, afirmou Oliveira Costa, que se encontra preso preventivamente desde 22 de Novembro, acusado de sete crimes, entre os quais, fraude fiscal qualificada, branqueamento de capitais e burla agravada. Os actos de má gestão de que é acusado conduziram à nacionalização do BPN, anunciada a 2 de Novembro de 2008 pelo ministro das Finanças, Teixeira dos Santos

Oliveira Costa chegou à Assembleia de República às 16h33 de ontem, onde o esperavam um batalhão de jornalistas e repórteres de imagem. Dez minutos depois, o gestor iniciou a leitura de um extenso do-

cumento, pontuado por ajustes de contas. Começou por acusar Joaquim Coimbra, accionista da SLN, de ter inviabilizado a venda do BPN ao BAI (Banco Africano de Investimentos) e à Carlyle em 2007 e acrescentou que um grupo de 10 accionistas também impediu a venda da SLN a um grupo de investidores libios. Nunca quiseram “negociar com seriedade”, comentou. Sobre Coimbra, disse que o empresário abortou o negócio porque o que “mais lhe interessava” era “o desmembramento do grupo”.

Para Oliveira Costa, Miguel Cadilhe teve um papel activo no fa-

lhanço das negociações. Investidores libios ligados a Kadhafi chegaram a pedir ao Banco autorização para comprarem a SLN a dois euros, mas o negócio não se concretizou porque Miguel Cadilhe “foi indutor do boicote à transacção”, afirmou o antigo líder do BPN.

Oliveira e Costa, apesar de aparentar um ar cansado durante a leitura do seu depoimento, que só concluiu às 19h45, surpreendeu quando se colocou ao lado de António Marta, desqualificando as afirmações de Dias Loureiro. Comentando a guerra de versões sobre o papel do Banco de Portugal na fiscaliza-

ção do BPN, Oliveira Costa afirmou que “a verdade” está com o antigo vice-governador daquele organismo. “Dias Loureiro, logo que regressou ao banco, foi ter comigo para dizer que tinha ido ao Banco de Portugal. Disse que fez sentir a António Marta que a supervisão estava constantemente em cima do BPN e que Marta lhe teria dito que estava constantemente em cima de todos os bancos, mas que, por ser mais pequeno, era mais fácil detectar problemas”. E logo de seguida mais uma farpa. “A versão de Dias Loureiro pode ser atenuada” com o “problema de ego” do conselheiro



O QUE DISSE

JOAQUIM COIMBRA, DIAS LOUREIRO E MIGUEL CADILHE NÃO ESCAPAM ÀS CRÍTICAS

Durante as várias horas de relato na Assembleia da República, José de Oliveira Costa desfiou um rol de críticas sobre várias figuras que nos últimos anos marcaram a administração da Sociedade Lusa de Negócios. Dias Loureiro e Joaquim Coimbra foram alvo de algumas das acusações mais fortes. E nem Miguel Cadilhe, que esteve apenas seis meses no grupo, se livrou das acusações de Oliveira Costa.

Pedro Elias



Dias Loureiro passou pela SLN e era da confiança de Oliveira Costa. Mas a relação deteriorou-se.



Miguel Cadilhe assumiu em Junho de 2008 a presidência executiva da SLN. Saiu em Dezembro.

“Dias Loureiro intitulou-se, em certos círculos, presidente do BPN.”

“Cadilhe, que poderia ter tido um papel conciliador, preferiu silenciar o que sabia e lavar as mãos como Pilatos.”



António Marta, ex-vice-governador do banco central, tem versão diferente da de Loureiro.



Joaquim Coimbra é um dos accionistas da SLN e foram alvo de críticas de Oliveira Costa.

“A verdade está com o Dr. António Marta.”

Sobre as versões de Dias Loureiro e do ex-vice-governador do Banco de Portugal

Joaquim Coimbra e Joaquim Nunes “estavam a procurar desmembrar o grupo, que era o que mais lhes interessava”.

de Estado, disse o antigo presidente da SLN.

Terá sido esse sentimento de amor próprio, de acordo com Oliveira Costa, o catalisador para que Dias Loureiro tivesse a ambição de ser líder da SLN. Quando vendeu a Pléiade à SLN, em 2002, terá dito “a uma figura pública” que em seis meses seria presidente do grupo. Além disso, tinha uma “presença sobranceira e desmobilizadora”, diz o banqueiro, que recusa ser o único responsável pelo “buraco” do BPN e lembra que a SLN tem um património imobiliário avaliado em 1,3 mil milhões de euros.

IDEIAS-CHAVE

AS EXPLICAÇÕES AOS DEPUTADOS

1 “NÃO SOU O ÚNICO RESPONSÁVEL PELO BURACO”
Oliveira Costa defendeu junto da comissão de inquérito não ser responsável por todo o “buraco” do BPN. “Parte das perdas resultaram de actos de gestão dos últimos 15 meses, com que não tive nada a ver”, afirmou.

2 PATRIMÓNIO DA SLN VALE 1,3 MIL MILHÕES
O ex-banqueiro sustentou que o grupo SLN, através da sociedade OPI92, tem património imobiliário que foi avaliado por uma entidade independente em 1,3 mil milhões de euros. “É um valor que desfigura o significados das imparidades atribuídas ao BPN”, salientou Oliveira Costa.

3 “NÃO SOU RESPONSÁVEL POR QUALQUER PERDA”
Oliveira Costa diz que não é responsável por quaisquer perdas no BPN. “Não se pode dizer que Oliveira Costa é responsável por perdas de um cêntimo que seja”, afirmou ao ler o final da sua declaração à comissão de inquérito. O gestor diz que, em Agosto de 2007, quando os accionistas começaram boicotar a venda da sociedade, “um pequeno grupo de pessoas armaram-me uma armadilha. E quando foram buscar um especialista”, leia-se Miguel Cadilhe, acabaram por ter uma atitude “kamikaze”, pondo em causa milhares de trabalhadores, pequenos accionistas e os depósitos. O antigo presidente do BPN diz que apenas pode ser responsabilizado por causa das funções que tinha, e não por actos por si cometidos. “Não posso alhear-me do que possa ter ocorrido, independentemente do meu grau de intervenção. Cabe-me, no mínimo, a responsabilidade institucional pelas funções que exerci”.

O problema não foram os advogados, mas o facto de o grupo dos dez nunca ter querido negociar com seriedade.

O grupo tinha problemas, mas tinha património que equilibrava as insuficiências.

Quando, em Maio, surgiram rumores de que Cadilhe ia para o BPN liguei-lhe a dizer que, antes de aceitar, falasse comigo. Só me ligou na véspera da AG.

Houve conversa longa [com o Governo, sobre venda da SLN à Carlyle].

OLIVEIRA COSTA

negocios.pt

Saiba mais



> Dossier

Caso BPN

Acompanhe, em permanência, todos os desenvolvimentos do caso BPN e as reacções a Oliveira Costa.



Caso BPN

Todas as explicações vão dar a Oliveira Costa



Pedro Elias

Oliveira Costa é que sabia. Esta foi uma ideia muitas vezes transmitida pelos gestores que foram ouvidos pela comissão parlamentar de inquérito ao BPN, que começou em Janeiro deste ano. A regulação também não foi poupada a críticas. Pelo meio ficaram poucas certezas e muitas dúvidas. O filme das frases ajuda a recordar esses momentos.

Confeiei que Oliveira e Costa estava a fazer bem. [Ele] tinha um método de gestão que era reunir com cada um em separado.

DIAS LOUREIRO
Ex-administrador da SLN (21.11.2008)

"Nunca ouvi qualquer preocupação [de Dias Loureiro em relação à falta de actuação do BdP relativamente ao grupo.

ANTÓNIO MARTA
Antigo vice-governador do BdP (28.01.2009)

O estilo de gestão [de Oliveira] era muito centralizador. Eu só sabia da área internacional que não incluía tudo.

ABDOOL VAKIL
Presidente do Efisa e do BPN (16.01.2009)

Estive presente em situações que Oliveira Costa pediu ao director de auditoria interna para corrigir relatórios.

ANTÓNIO FRANCO
Administrador do BPN (12.02.2009)

Tinha percebido o que era a gestão do BPN, apesar de desconhecer operações fora de balanço. Algum desnorte levava a temer que as coisas piorariam muitíssimo.

JOSÉ VAZ MASCARENHAS
Pres. do Insular (11.02.2009)

Sempre tivemos muita falta de informação. Se soubéssemos só 5% do que estamos aqui a falar, não estaríamos aqui hoje.

ALMIRO SILVA
Accionista da SLN (27.02.2009)

Sempre achei que Oliveira e Costa tinha obrigação de resolver esta situação [irregularidades no BPN] e Insular].

FRANCISCO SANCHEZ
Braço direito e administrador do BPN (3.03.2009)

A gestão de Oliveira Costa era muito centralizadora. Nunca tive acesso às movimentações dos offshores.

JORGE VIEIRA JORDÃO
Ex-técnico da SLN (4.11.2009)

Pobre supervisão? Como é que chegava lá... [à multiplicidade de offshores, e complexidade das operações ilegais].

FRANCISCO BANDEIRA
Actual presidente do BPN (3.02.2009)

Há reuniões entre reguladores e regulados mais fáceis e difíceis. Houve reuniões duras com a administração de Oliveira Costa.

PEDRO DUARTE NEVES
Vice-presidente do Banco de Portugal (27.01.2009)

O balcão virtual do banco Insular de virtual nada tinha. Havia um computador de grandes dimensões que só se podia transportar de carro.

ANTÓNIO JOSÉ DUARTE
Assessor da administração do BPN (4.02.2009)

Nunca vi nada que comprovasse que o Insular era do BPN, mas também nunca houve ninguém que dissesse que não era.

RICARDO PINHEIRO
Ex-director de operações do BPN (7.02.2009)

Soubemos que havia irregularidades num banco em Cabo Verde, quando Oliveira e Costa se demitiu, a 12 de Fevereiro de 2008.

JOAQUIM COIMBRA
Accionista da SLN (14.04.2009)

Vitor Constâncio tinha condições para intervir, mandando fazer uma auditoria e substituindo a administração [do BPN].

MIGUEL CADILHE
Ex-presidente do BPN (15.01.2009)

Alguns dos acontecimentos do BPN eram conhecidos em departamentos do BdP, mas não chegaram a Vitor Constâncio.

J. CARVALHO DAS NEVES
Ex-administrador da SLN (17.02.2009)

Depois de tomarmos posse, fomos confrontados com um conjunto de situações mais diversas e estávamos a tentar resolver problemas um a um.

RUI PEDRAS
Administrador do BPN (10.02.2009)

Havia todo um conjunto de operações decididas directamente pela administração, sem respeitar regras de avaliação de risco.

NORBERTO ROSA
Gestor do BPN após nacionalização (3.02.2009)

Há dúvidas sobre a idoneidade do dr. Oliveira Costa. E escondia de forma objectiva [informação às autoridades].

CARLOS SANTOS
Ex-membro do BdP (20.01.2009)

Preso há seis meses

Oliveira Costa foi preso em 22 de Novembro do ano passado, acusado de sete crimes, entre os quais fraude fiscal, burla agravada e branqueamento de capitais. A primeira vez que foi ao Parlamento, a 13 de Janeiro, invocou o segredo de justiça para se remeter ao silêncio. Encontra-se detido na zona prisional da Polícia Judiciária.



Estado teria custos de 2200 milhões para manter BPN independente

Capitais são negativos em 1,7 mil milhões. Repor solvabilidade custa 500 milhões



Pedro Elias

Fernando Teixeira dos Santos | Ministro das Finanças já reconheceu que a sua solução preferida para o BPN é a venda do banco a investidores privados.

MARIA JOÃO GAGO
mjgago@negocios.pt

Manter o Banco Português de Negócios (BPN) como instituição independente custaria ao Estado cerca de 2,2 mil milhões de euros. A maior parte deste encargo resultaria da necessidade de anular a situação negativa dos capitais próprios do BPN, que, no final do ano passado, apresentavam um buraco de cerca de 1,7 mil milhões de euros. Além disso, o banco necessitaria de quase mais 500 milhões para repor o nível de solvabilidade para um valor idêntico ao mínimo de 8% exigido pelo Banco de Portugal.

Estes valores serão uma das razões pelas quais o ministro das Finanças, Fernando Teixeira dos Santos, prefere vender o BPN a mantê-lo tal como está ou a integrá-lo na Caixa Geral de Depósitos (CGD), que desde Novembro é responsável pela gestão do banco. Mesmo que a alienação venha a ser a solução final, a nacionalização custará sempre ao Estado várias centenas de milhões de euros, já que dificilmente o comprador estará disponível para assumir o "buraco" do grupo.

A partida, se o Governo avançar com a venda do BPN, os cofres públicos terão que desembolsar os 1,7 mil

lhões de euros que permitam anular a situação negativa dos capitais próprios. Mas este valor pode diminuir em função da possível venda de alguns activos do banco, como algumas sucursais no estrangeiro ou a seguradora Real Vida. Já o resultado da venda do BPN propriamente dito pode não reverter na totalidade para o Estado. Isto porque é natural que parte do valor da transacção se destine a alocar à própria operação.

Oliveira Costa perdeu 1,2 mil milhões nos dois últimos anos

O valor exacto dos capitais próprios do BPN no final de 2008 será conhecido publicamente depois de o acionista Estado aprovar as contas do banco referentes ao ano passado, na assembleia-geral agendada para amanhã. Segundo noticiou o "Semanário Económico", os prejuízos da instituição totalizaram cerca de 500 milhões em 2008.

A este valor há que acrescentar resultados transitados negativos acumulados de 2006 e de 2007 e que ascendem a cerca de 1,2 mil milhões. Recorde-se que a actual gestão do BPN optou por fazer um recálculo das contas dos dois últimos exercícios completos em que o banco foi liderado por Oliveira Costa. Os prejuízos agora imputados a

Teixeira dos Santos prefere vender o BPN a mantê-lo tal como está ou a integrá-lo na Caixa, que gere o banco desde Novembro.

2006 e 2007, acrescidos das perdas referentes ao ano passado, é que colocam os capitais próprios numa situação negativa de 1,7 mil milhões.

Apesar de dizerem respeito a 2008, os prejuízos de 500 milhões também são imputáveis à gestão de Oliveira Costa, já que resultam de irregularidades cometidas durante o seu mandato.

OPÇÕES

MEDIDAS PARA DIMINUIR CUSTOS DA NACIONALIZAÇÃO

1 VENDER BPN
É a solução preferida do ministro das Finanças. Depois de limpas as perdas, o BPN poderá valer até 400 milhões. Parte do dinheiro será para alocar à operação

2 VENDER SUCURSAIS
As operações que o BPN tem no exterior, do Brasil e Cayman, podem ser vendidas antes mesmo de se decidir o que fazer ao banco. A seguradora Real Vida deve ter o mesmo destino, seja de forma isolada ou quer vá no pacote BPN

3 RECUPERAR MALPARADO
A maior parte das perdas do BPN (cerca de 900 milhões) resulta de crédito com incumprimento. Recuperar parte daquele montante, através da cobrança ou da venda de malparado, ajudará a diminuir a factura

Montepio na linha da frente para comprar banco

O Montepio está na linha da frente de candidatos à compra do BPN. Ainda na semana passada, depois de Teixeira dos Santos ter admitido que a sua solução preferida passava pela venda do banco, António Tomás Correia, presidente da instituição mutualista, reafirmou o interesse na aquisição, desde que não tenha que assumir o "buraco" do BPN.

"O Montepio está preparado para encarar uma operação de consolidação que surja no mercado, com dimensão e que esteja ajustada às nossas metas. O BPN encaixa nos nossos objectivos", afirmou ao Negócios. No

Está em cima da mesa a hipótese de a CGD fazer uma proposta.

FRANCISCO BANDEIRA

Presidente do BPN, em Fevereiro

entanto, é previsível que, caso a venda do BPN avance, surjam outros candidatos.

O presidente do banco nacionalizado e vice-presidente da CGD, Francisco Bandeira, afirmou em Fevereiro já ter recebido manifestações de interesse por parte de diversas entidades. "Felizmente há mais do que um interessado no BPN, há mais do que um interessado interno e externo", adiantou na comissão parlamentar de inquérito.

Há quatro meses, Bandeira admitia mesmo a possibilidade de a própria Caixa vir a posicionar-se para comprar o banco. "Está em cima da mesa a hipótese de, consoante o preço de devolução ao mercado, a CGD fazer uma proposta", adiantou o gestor aos deputados.

A decisão final de vender o BPN só será tomada depois de realizada uma "identificação criteriosa dos activos a alienar e passíveis de alienação". Esta solução depende ainda "das condições de mercado prevalentes – se são ou não favoráveis – e depende das manifestações de vontade que haja por parte de interessados", afirmou Teixeira dos Santos à Reuters na semana passada.

Editorial

João Cândido da Silva

Director-adjunto



Justiça e vingança

1. A mega-fraude de Bernard Madoff foi desvendada no início de Dezembro de 2008. A sentença judicial está marcada para o final do próximo mês. Qualquer semelhança entre a eficiência do sistema de justiça norte-americano e o português é pura coincidência.

Os casos que envolvem o BCP, o BPN e o BPP ilustram bem as diferenças. Arrastam-se em intermináveis investigações e inquéritos, com recriminações, sacudidelas da água para cima de capotes alheios, trocas de acusações e lutas de bastidores entre autoridades que, depois de terem falhado na prevenção, querem aproveitar a oportunidade para removerem as manchas acumuladas nas respectivas túnicas. Pelo meio, parece ser mais prioritário encontrar um culpado que esteja a jeito do que apurar responsabilidades.

Na intervenção que ontem fez no Parlamento, José Oliveira Costa também demorou o seu tempo e colocou mais alguns ingredientes na receita que adensa os mistérios e as contradições no caso que lhe diz respeito. Nem se esperava outro desempenho. Geriu, durante um período largo, uma instituição em que os colaboradores que o ladeavam e os accionistas que o escolheram e que nele confiaram seriam, afinal, "cegos, surdos e mudos", como afirmou antes de se apresentar perante os deputados.

Sendo o único candidato a noivo que a culpa arranjou, até agora, para evitar ficar solteira, não quer fazer de bode expiatório de todos os pecados do BPN. Compreende-se. Neste banco, como no BCP e no BPP, quer no interior das instituições financeiras como no exterior, as cumplicidades e a passividade fizeram passar por boas operações e decisões que a crise financeira escrutinou sem

piedade. A queda dos mercados substituiu aquilo que um olhar mais atento da supervisão, o activismo accionista e a acutilância dos auditores poderiam ter detectado, a tempo de evitar o colapso e a entrada em cena dos cofres públicos.

Em termos sumários, foi isto que Oliveira Costa acabou por recordar no Parlamento, ao denunciar a actuação de accionistas e colaboradores do BPN, com Dias Loureiro e Joaquim Coimbra à cabeça. O seu interesse é óbvio. Sentir-se-á, por esta altura, demasiado só na condição de arguido. Clama por justiça, deseja vingança ou quer as duas coisas em simultâneo. Nas entrelinhas, fica claro que a história do BPN ainda está muito mal contada.

2. Nas horas difíceis, mostrar apoio e dar encorajamento a quem dele eventualmente necessite é uma atitude nobre e louvável. Nalgumas ocasiões, justifica-se que essas manifestações de solidariedade sejam feitas em público. Noutras, o bom senso aconselha a que sejam realizadas de forma mais discreta.

O louvor a João Rendeiro aprovado pelos membros da associação Empresários pela Inclusão Social inclui-se entre os actos de apoio que deveriam contemplar algum recato. O trabalho do antigo presidente do BPP na liderança daquela organização poderá ser considerado merecedor dos mais inequívocos elogios, mas quando se acrescenta à iniciativa a natureza de um desagravo pelas "acusações" decorrentes da situação de pré-falência do Privado, já não se compreende. Horácio Roque saberá que há clientes do banco que têm o seu dinheiro congelado?



145 ANOS DE INFORMAÇÃO DE QUALIDADE

editorial

Um novelo muito emaranhado

A comissão parlamentar de inquérito ao caso BPN está a prestar um grande serviço ao País. Pela primeira vez, há a sensação de haver um novelo tremendamente embrulhado, que o Parlamento vai desemaranhando à vista de todos. O exercício do contraditório, habilmente aproveitado por Oliveira Costa, deixou que os seus mais directos colaboradores se estendessem em declarações dias a fio, para, de seguida, os corrigir, desmentir ou corroborar a partir da posição privilegiada de quem se encontrava na encruzilhada de todas as decisões importantes do grupo.

Muita coisa está, ainda, na sombra. Nem é fácil de explicar a luta de poder interna que, a partir de um núcleo de uma dezena de sócios, conduziu, passo a passo, à ruína do banco e do grupo empresarial, em que se inseria.

É evidente que o efeito provocado por esta sucessão de depoimentos se projecta no plano político. Tanto na figura, sucessivamente desacreditada, de Dias Loureiro (cuja permanência no Conselho de Estado é cada vez mais inexplicável), como numa reflexão importante que acabará por ter de ser feita acerca da forma de tornar a supervisão bancária nacional mais eficaz e preventiva.

Num outro plano, bem distinto, está o apuramento de toda a história financeira do BPN e da sua gestão, responsabilizando quem cometeu crimes. O propósito evidente de Oliveira Costa, ao prestar o seu longo depoimento, é o de demonstrar uma evidência: nos 10 anos que passou à frente do BPN e da SLN, não fez tudo sozinho, nem esteve rodeado de cegos, surdos e mudos. Uma verdade que, embora de La Palisse, alguns pareciam querer esconder.

Obama começa a definir a América

Se há forma de um Presidente americano moldar o futuro do seu país é através do Supremo Tribunal e isso muitos e muitos anos depois de ter deixado o poder. Por exemplo, George W. Bush cedeu a Casa Branca a Barack Obama em Janeiro, mas provavelmente durante as próximas duas décadas o presidente do Supremo Tribunal será John Roberts, hoje com 54 anos, nomeado vitaliciamente como todos os outros membros do órgão judicial supremo composto por nove juizes. Bush escolheu um conservador moderado, num esforço por reforçar uma interpretação da Constituição próxima da do seu partido conservador. Agora, Obama mostrou também a sua determinação em moldar a América, mas no sentido da diversidade e do progressismo. Para substituir um juiz liberal, escolheu uma juíza liberal, o que significa que os equilíbrios políticos se mantêm. Mas volta a haver duas mulheres e pela primeira vez um representante dos hispânicos, que são já a principal minoria dos Estados Unidos. Nascida no Bronx, bairro pobre de Nova Iorque, Sonia Sotomayor tem ainda de ser aprovada pelo Senado, mas não deverá ter dificuldades. A maioria democrata é sólida e mesmo os republicanos reconhecem a sua experiência, que lhe valeu já ser promovida tanto por George Bush pai, um republicano, como por Bill Clinton, um democrata como Obama. ■



Primeira Página

Caso BPN

Oliveira e Costa não tem dúvidas e acusa Dias Loureiro de mentir

O antigo presidente da SLN e do BPN foi ontem à comissão de inquérito e resolveu abrir o jogo. Dias Loureiro, antigo administrador do grupo e conselheiro de Estado de Cavaco Silva foi o grande alvo do único arguido neste processo

POR: MARIA NOBRE
mnobre@meiahora.pt

Dias Loureiro foi o grande alvo de Oliveira e Costa, que ontem acusou o ex-administrador, na comissão de inquérito ao BPN, de “criar problemas no grupo, negando que os tenha causado”, e ainda de mentir relativamente à reunião com António Marta, vice-governador do Banco de Portugal (BdP).

“A verdade está do lado de António Marta, o resto é conversa”, afirmou Oliveira e Costa, desmentindo assim Dias Loureiro que havia revelado à comissão que o encontro com o vice-governador do BdP tinha servido para o, então, administrador dar conta de certas irregularidades no grupo Sociedade Lusa de Negócios (SLN) – algo que mais tarde, também perante os deputados, viria a ser desmentido por António Marta, informando que a reunião tinha servido para Dias Loureiro se queixar do excesso de zelo do BdP na supervisão ao BPN.

Na comissão de inquérito (que ainda decorria à hora de fecho desta edição), Oliveira e Costa acusou ainda o antigo ministro da Administração Interna de Cavaco Silva de,

perante os deputados, se ter afastado da “verdade factual” e também de se desviar do “cerne das questões”.

Outro negócio. Além do caso da reunião com António Marta, Oliveira e Costa atribuiu ainda responsabilidades a Dias Loureiro no famoso negócio de Porto Rico – que envolvia a compra de máquinas multibanco à empresa Biometrics –, já que segundo o único arguido no processo,

“A verdade está do lado de António Marta, o resto é conversa”

o ainda conselheiro de Estado nunca lhe fez perguntas sobre a transacção.

Conselho de Estado. A verdade é que com estas declarações de Oliveira e Costa a posição de Dias Loureiro como conselheiro de Estado fica “frágil”. Segundo o politólogo, António Costa Pinto, “Dias Loureiro já não está muito bem perante a opinião pública, porque vão saindo informações de que está mais

envolvido no caso, do que aquilo que diz.” Por isso, o Presidente da República está agora numa posição desconfortável, sendo que, na opinião do especialista, “Cavaco Silva dará um sinal informal ao antigo administrador do grupo SLN para que este se demita.” Já o também politólogo Adelino Maltez, afirma que toda esta po-

lémica é “o retrato do cavaquismo, e do que foi a sua fase de cavaquistão”. “O que se passou hoje [ontem] foi os pés de barro do cavaquismo”, concluiu.

A nacionalização do BPN aconteceu em Novembro do ano passado. Não se sabe ao certo quanto: José Sócrates apenas usou o adjectivo “arrepiante” para se referir ao que se está a passar no banco.



Os protagonistas



Miguel Cadilhe
Ex-presidente do BPN

O antigo ministro das Finanças do PSD já foi ouvido na comissão de inquérito e agora Oliveira e Costa conta que o ex-ministro sabia das intenções dos accionistas do banco e nada fez.



Vítor Constâncio
Gov. Banco de Portugal

Governador do Banco de Portugal, Vítor Constâncio tem estado debaixo de fogo desde o rebentar do escândalo, todavia tem-se aguentado no cargo, contando ainda com o apoio do seu partido, o PS.



Oliveira e Costa
Ex-administrador SLN e BPN

É a grande cara do escândalo BPN e o único que está em prisão efectiva pelos alegados actos fraudulentos que cometeu. Ontem resolveu prestar esclarecimentos pela primeira vez, depois de se ter recusado a falar.



Dias Loureiro
Ex-administrador SLN e BPN

É o rosto do PSD envolvido na “confusão”. Dias Loureiro revelou-se alheio ao escândalo, mas a verdade é que há muitas contradições no seu discurso. Entretanto, continua no Conselho de Estado.

“Desobediência qualificada”

PCP quer Banco de Portugal em tribunal

• O PCP submeteu ontem à comissão de inquérito parlamentar uma proposta de envio para o Ministério Público (MP) de uma queixa contra o Banco de Portugal por desobediência qualificada.

Em causa, está a recusa do supervisor de facultar à comissão parlamentar de inquérito ao caso BPN uma série de documentos solicitados pelos deputados que a constituem.

Demissão. “É preciso punir uma instituição [Banco de Portugal] que se recusa a actuar de acordo com o regime jurídico das comissões de inquérito, bem como com o parecer solicitado pela Assembleia da República ao jurista Nuno Piçarra”, afirmou Honório Novo.

Desta forma, o PCP exige a demissão do governador do Banco de Portugal, com Novo a afirmar que Constâncio já devia ter deixado o cargo que ocupa. “Vítor Constâncio já tem matéria de facto e de con-

“Vítor Constâncio já devia ter-se demitido do cargo”

teúdo para ter pedido a sua demissão”, defendeu o comunista numa conferência de imprensa no Parlamento.

“A punição para o crime de desobediência qualificada está definida no código penal com pena de prisão ou multa”, acrescentou o parlamentar comunista.

Outros alvos

Cadilhe e Coimbra não escapam

• Na mira das palavras de Oliveira e Costa estiveram também Miguel Cadilhe, ex-presidente do BPN, e Joaquim Coimbra, um dos principais accionistas do grupo.

Perante a comissão de inquérito, o antigo presidente da Sociedade Lusa de Negócios (SLN) e do Banco Português

de Negócios (BPN), acusou Joaquim Coimbra (e outros accionistas) de o terem “cozinhado em banho-maria”, e ter iniciado um processo de “destruição do grupo”, ao forçar a ruptura das negociações para vender o grupo a duas entidades estrangeiras – uma com interesses ligados à família real da

Ex-ministro de Cavaco Silva não foi poupado

Arábia Saudita e outra ao grupo americano Carlyle.

Lavar as mãos. Também o antigo ministro das Finanças

do PSD, Miguel Cadilhe, não foi poupado por Oliveira e Costa que o acusou de “silenciar o que sabia”, e ainda de “optar por lavar as mãos como Pilatos”.

O antigo presidente, que continua em prisão preventiva, contou também que um dia antes de Cadilhe assumir funções no banco lhe ligou e que aí Oliveira e Costa lhe disse: “tenho pena que não me tenhas ouvido, um dia arrepender-te-ás”.